



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

10 DE ABRIL DE 1965  
ANO XXII — N.º 550 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## FESTAS

Fechou a primeira série. Uma afirmação simples resume o nosso estado de alma: Graças a Deus. E agora importa reflectir.

A nossa Festa é um argumento de maturidade. Embora as verduras do dia a dia não nos propiciem continuamente esta constatação (antes, algumas



O Varela, Bino e Banharia, em «Timpanas», arrebatam plateias!

vezes, nos deixam sensação de que retrogradamos), a verdade é que, por sobre elas, a maturação do conjunto se vai realizando — tal como a santidade do Corpo Místico cresce até em tempos caóticos de pecado.

A primeira lição, a maior lição da Festa, é-nos, pois, dirigida, aos de dentro, tanto mais quanto maior é a responsabilidade de cada um na condução da Família. É confirmação de uma pedagogia que nenhum homem ensinou a Pai Américo, posto todas as escolas modernas de formação de jovens teorizem na mesma linha do que Pai Américo realizou. A descoberta dele porém, é sua, com todo

o direito de quem achou em primeiro lugar, não talvez na ordem de tempo, mas na ordem da fonte da sabedoria, porquanto foi em Cristo e dEle, e só, que Pai Américo aprendeu.

Para nós seus pobres discípulos que queremos mais do que tudo aprender dele a sua Fé, que reconfortante nos é este sinal! Cristo é o Mestre — não sabemos de outro. E assim, enquanto as teorias dos estudiosos se vão desenvolvendo sobre princípios que todos assentam no respeito da pessoa humana, livre à imagem de Deus — Pai Américo vai realizando com a massa mais pobre, o lixo das ruas, uma redenção autêntica operada pelos métodos de Cristo, com a pobreza dos métodos que o Senhor usou.

A nossa Fé revigora-se, não já, apenas, na confirmação do acerto de um processo pedagógico, mas no crescer da consciência do seu conteúdo divino e da sua modernidade: métodos de Cristo na Igreja dos Pobres.

Pois não fundou Ele a Sua presença perene entre os homens sobre doze homenzinhos, um dos quais O traíu e se perdeu, e os outros onze só se transcenderam, depois de erros, de cobardias, de contradições, pela virtude do Espírito Santo quando Ele desceu?!  
CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

## TRIBUNA de Coimbra

Este ano a nossa Festa no Avenida quase me encheu. Quase me encheu pela casa mais que cheia e pelo grande número de amigos a transbordar de alegria. O vazio que me ficou é feito pela ausência da camada social que se julga alta. Parte desta compra bilhete para esmolar a Obra do Padre Américo e manda as criadas à festa.

A nossa camada social que se julga alta está muito baixa de amor. Para ela a caridade é socorrer os Pobres com uma esmola. Ainda hoje uma pessoa que se disse muito católica aceitou «O Gaiato» que um dos vendedores lhe ofereceu a troco de dez tostões e pousou-o numa mesa, sem lhe ligar qualquer importância.

Junto estava uma senhora que nos conhece e ama e que imediatamente interveio:

«Desculpe Sra. D. F., mas não fique com «O Gaiato» se não o quer ler. Pois a esmola de um escudo não vale de nada para ajudar uma Obra destas.»

Foi valente esta Senhora. Mostrou consciência cristã, pois muitos fazem do seu Cristianismo o colocar uma moeda na bandeja do sacristão ou nas caixas das esmolas da igreja e, quando muito, também dão uns tostões muito contados aos Pobres que encontram à porta. Conheço uma senhora rica e muito rezadeira que quando vai à igreja costuma dar um tostão ao primeiro pobre que lhe pede e depois enche a

boca todo o dia a dizer que já deu.

Hoje, sábado de venda e dois dias depois da festa, andei pelas ruas da Baixa a receber parabéns de todos os que foram ao Avenida. Tudo agradou: os grandes da orquestra e do conjunto; as danças e números folclóricos; as florinhas tão cheias de encanto; os dois primeiros gaiatos e as quatro filhas de um deles; a voz do Pai Américo a falar dos primeiros cinco anos da Obra; os batatinhas e os Beales; e até as minhas palavras de encerramento.

O telefone ontem tocou vezes sem conta por vozes diferentes a perguntar se repetimos a festa. O Zé Bolas e Caracol vieram há momentos queixar-se de que

Cont. na 2.ª página

## Areias do Cavaco

Era quase meio dia. O sol quente dos últimos dias convidava à fuga para as sombras. Mas quem ama não pode ter descanso. Há-de viver eternamente inquieto. Participa e vive da inquietação de quem sofre. Ai do indiferente perante a dor alheia.

Conheces o mandamento do Amor. Sabes que tens de amar o teu próximo com a mesma qualidade de Amor com que te amas a ti mesmo e aos que consideras teus? Sabes quem é o teu próximo? É todo aquele que precisa de Amor. E haverá alguém no mundo que não precise de Amor? Ninguém.

O que vive a teu lado e julgas

sem problemas, não é totalmente feliz. Ninguém vive sem problemas.

Esse precisa do teu Amor. O que passa por ti, na rua, conhecido ou desconhecido, também precisa do teu Amor. O que vive afogado em dinheiro; que não é capaz de ver mais nada senão o dinheiro. O que vive sem o necessário para uma vida digna, como o que vive acorrentado pela miséria, também precisa do teu Amor. O garoto da rua que não sabe quem são os pais, como os filhos de pais de fortuna que não sabem o que é sofrer a fome e o abandono, também precisam de Amor. O que respira saúde por todos os

poros e a quem nada parece faltar para ser feliz, como o que vive preso a uma enxerga em cama dura ou no chão extremo, na lama, também precisam do teu Amor.

Repara: Indiferente ao sol abrasador e à distância a percorrer, vejo aproximar-se a mãe e 5 filhos. São espelho de miséria. Faltou o pai e a mãe ficou com toda a riqueza que possuía — os seus filhos.

A tentação da cidade — tentação perigosíssima! — fê-lo descer do interior ao litoral. O mais velho, de 16 anos, corpo

Cont. na SEGUNDA página

# Freixas do Gaiato

de homem quase feito, não sabe o que é a escola, nem sequer o trabalho. A mais velha, quase mulher, também não. Não falo dos mais novos. Uma família fracassada!

Estes filhos que deveriam ser o amparo da mãe e dos irmãos mais novos, caminham para a vida sem armas, sem nada com que se possam defender. Pobre mãe e pobres filhos! Recolhê-los em Casas de Assistência é remédio que não cura o mal. Este tem de ser curado na rua.

A família é o ambiente natural onde deve formar-se o homem. Trabalhar pela constituição de famílias sãs, o mesmo é dizer estáveis e com meios materiais necessários, mais a formação moral, é trabalhar pela solução radical do problema do rapaz abandonado. Porque faltaram uns e outros, esta mãe e o pai que já morreu, fracassaram na sua missão. Não nos atrevemos a lançar pedras

## Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

seus fregueses estão muito zangados por lá não irem vender bilhetes como nos anos anteriores, pois ficaram sem eles e não foram à festa. A Maria Teresa, do Castelo, disse-me na véspera, depois da casa esgotada, que para o ano quer vender sôzinha a casa toda. Os rapazes do Lar apresentaram já sugestões para o ano: uma festa no Avenida e outra no Gil Vicente da Associação Académica.

Tudo isto quer dizer que a festa encheu todos os que nela participaram e todos vieram do Avenida mais ricos, apesar de deixarem nos bilhetes e nas capas a quantia de duas dúzias de contos.

Padre Horácio

Cont. da PRIMEIRA página

contra ninguém, porque à sociedade cabe também uma parcela de culpa.

Pai Américo tinha como desumano retirar para as Casas do Gaiato o rapaz que tinha pai e mãe ou pessoa de família normalmente capaz de o educar, a quem faltavam apenas recursos materiais para o fazer. Em casos semelhantes, a solução que achava mais conforme à natureza era o auxílio material à família para poder cumprir a sua missão. Esta a solução mais humana e por isso normal. Este o remédio que cura o mal na raiz. Quem dera que não fossem necessárias Casas do Gaiato ou outras similares. Quem dera que os beneficiários destas Casas de Assistência fossem casos muito excepcionais. Seria o sinal de uma sociedade sã. Mas uma sociedade nestas condições só é possível na medida em que as células forem também sãs. E a célula de uma sociedade é a família.

Mas não é assim. Infelizmente as Casas do Gaiato e outras Casas de Assistência lutam afilivamente com falta de espaço para os casos sem número que nelas buscam uma solução. Sinal de que as células da sociedade estão muito doentes.

Entretanto, não podemos cruzar os braços.

— x —

**Venda de «O Gaiato»:** O grupo de vendedores não esmorece no seu entusiasmo. Sobretudo, este tempo quente, e este verão tem sido excepcionalmente quente, exige deles muitos sacrifícios. A alegria com que são recebidos por todos, compensa-os admiravelmente. Por isso, normalmente, reentram em casa contentes, embora cansados. Gosto muito de os acompanhar no regresso. Gosto de os ouvir contar as peripécias por que passaram naquela manhã ou naquela tarde. Saboreio a alegria de uns que receberam acréscimos em abundância, e a tristeza de outros

que «desta vez tiveram pouca sorte porque os Senhores deram pouco».

Sentem que o pão que comem é ganho com o suor do seu rosto. Acolhei-os bem.

— x —

**Recebemos:** De Lisboa um cheque de 1.000\$00 de pessoa que tem o coração preso a Benguela, com esta recomendação: «queria que fosse guardado o maior segredo sobre esta minha dádiva que gostaria de poder tornar maior». Mais 100\$ dentro de um envelope. E outros 100\$, nas mãos de um vendedor de «O Gaiato». Outro tanto de pessoa muito amiga de Catumbela. Dez vezes mais, do Lobito, que uma senhora amiga mandou entregar. Os mil do costume da C. B., metade de P. e S., e o mesmo de J. D. A., todos de Benguela. Mais 1.270\$00 que pessoas muito dedicadas do Lobito nos vieram trazer. A avó de Moscavide não esquece nunca os seus «netinhos». Outra vez Lobito, com 100\$00. Recado da avó, filha, neta e genro para passarmos lá por casa todos os meses e buscar a nossa parte. Quem dera que se multiplicassem as famílias a dar-nos este recado.

Padre Manuel António

# T. A. P.

Demorou um bocadinho, é verdade, mas chegou. Chegou a notícia do bom despacho da Administração dos Transportes Aéreos Portugueses, que se dispõe a colaborar connosco levando-nos os jornais nas suas asas.

Quando estive em Africa a primeira vez, há quase cinco anos, trouxe dos amigos mais devotados queixas pelo atraso com que o jornal lhes chegava. E alguns deles, não o sofrendo, preferiram suportar a despesa do correio aéreo. Foi então que começámos as nossas diligências, pouco depois caídas em ponto-morto, até que a nossa fixação em Angola nos levou a retomá-las com um novo vigor, cuja perseverança logrou vencer.

Nós cremos que «O Gaiato» é um veículo de portugalização circulando no nosso Ultramar. Graças a Deus que a Administração dos TAP assim entendeu e agora nos compensa do esforço de várias dezenas de contos que nos custou o envio dos jornais para a venda em Malanje e

Benguela neste ano e quatro meses passados.

E assim se desfaz a injustiça de que eram vítimas os nossos assinantes de Angola relativamente aos compradores avulso, pois enquanto estes tinham o jornal oito dias após a saída na Metrópole, os primeiros, quantas vezes, só passado um mês, e mais...

E os nossos leitores de Moçambique, — foi entre eles, justamente, que eu mais escutei a queixa amiga, acima recordada — esses, vão ter o jornal, tal como os de Angola, no mesmo prazo. A menos que o transporte leve mais tempo de Luanda ou de Lourenço Marques aos confins das respectivas Províncias, que de Lisboa lá...! Para prevenir este perigo, em Angola, os nossos padres irão à conquista da DTA. E, em Moçambique, esperamos que a DETA nos não há-de dizer que não.

Vivam pois as asas que favorecem a união fraternal e esta aproximação cristã entre os portugueses a quem a distância separa mas não divide.

# Setúbal

A nossa Festa é uma época de festas. O rendimento dela vai muito mais além do que pode parecer a quem a vive de fora. Estamos ainda a um mês dela, quando escrevo, e aqui em Casa não se pensa noutra coisa. É de manhã à noite, cantos de todos os lados, música em todas as esquinas, ensaios de danças e declamações!

Quem quiser observar como a imaginação alimenta a juventude e mais ainda a adolescência e meninice venha ver o relampejar florido do olhar deles a mostrar à evidência que a sua alma anda em festa.

Eu não sei ainda o programa, mas pelo que ouço cantar parece que este ano vamos ter o folclore nacional bem representado desde o Algarve ao Minho e também ao Ultramar. Os senhores preparem-se para o inédito! Eu já quis saber o que havia e, como quem tira os nabos, perguntei se era uma revista. Que não. Que revistas são patente de Paço de Sousa. Crizanto mais Rouxinol ensaiam todas as noites até às tantas, os seus afamados ar-

tistas, que aqui, são multidão.

Pelos reflexos que consegui captar pareceu-me que a estrutura habitual será um pouco alterada, exigência da modernização que se impõe aos programas!

O que vai ser sensacional será a nossa ida ao Barreiro. É verdade: nós vamos ao Barreiro fazer a nossa festa!... Temos lá muita gente amiga!... Os vendedores trazem sempre novas cheias de amor! A venda no Barreiro é a melhor depois de Setúbal.

Bem merecem os Barreirenses a nossa presença numa confraternização de alegria. Vamos levar-lhes uma mensagem de amor e gratidão!... Mal se sonhou que tencionávamos fazer festa dentro dos seus muros o Barreiro explodiu em alegria e dedicação.

Atenção Setubalenses: — Os bilhetes começaram a ser requisitados e os melhores já se venderam. Não deixem para os últimos dias que, o ano passado, houve quem ficasse fora por esgotamento da bilheteira!

Aos Barreirenses aconselho a mesma precaução. O cinema Ginásio da CUF é muito grande mas o entusiasmo é de tal ordem que eu não me admiro de, à última hora, faltarem bilhetes!

Padre Acílio

## COLISEU

### 25 de Abril

Às 18,30 h.

## DO PORTO

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

## LUISA TODY

## SETUBAL

### 28 de Abril

Às 21,30 h.

BILHETES À VENDA: Lar do Gaiato, Av. Luisa Tody, 38 — tel. 24620. Na Papelaria Campos, Largo da Misericórdia e nas bilheteiras do Cine-Teatro.



# ★ BELEM ★

# FESTAS

**A NOSSA FESTA** — Tinha de ser o assunto de hoje, até porque sobre a dita não cheguei a dizer uma palavra sequer, antes da sua realização.

Na verdade, a gente de Paço de Sousa andava com vontade de cá vir, desde que nós fomos ao Coliseu do Porto, e nós também com vontade de voltar a esta cidade, mas os princípios de Belém têm sido duros, sem tempo nem disposição para festas.

Porém, este ano, perante a oferta de colaboração de alguns Casais de Cursistas, lá cobrei ânimo para dar os primeiros passos. Fui pedir ao Ex.mo Senhor Reitor do nosso Liceu a cedência do Ginásio para o efeito, já que as nossas duas casas de teatro continuam à espera de reforma ou duma terceira que as substitua com vantagens, o que Viseu bem merece.

Quanto a propaganda, por cá se foi fazendo, mas de maneira absolutamente inédita.

O primeiro sinal de alarme foi dado pelos prospectos, que vieram dentro dos jornais, para os assinantes de Viseu. Começaram a aparecer pelas montras, pelas repartições e até às portas das Igrejas. Assim se espalhou a notícia mesmo antes que dos que nós tínhamos fôssem distribuídos profusamente, pela cidade.

Então começaram a surgir movimentos desencontrados de propaganda e procura de informações mais pormenorizadas.

Muita gente a protestar porque o serviço não tinha sido organizado.

Muitos a criticarem os prospectos, porque não eram suficientemente claros: quem eram as Belenitas? Onde procurar os bilhetes?

Outros a escandalizarem-se precisamente por haver tanta gente em Viseu que nem sequer sabia da existência de Belém e nem até conhecia a Obra de Pai Américo.

Os dois jornais da terra muito pesarosos por não terem sido informados de tudo mais cedo e deram os rebates da última hora.

As Senhoras e Raparigas encarregadas de distribuir os convites preocupadas com a concorrência que o Festival da Canção na T V estava a fazer à festa da noite de sábado, mas contentes por verem a Casa da tarde de domingo completamente passada.

Eu pelos Seminários, Colégios e Asilos, à procura dos colchões e cobertores que faltavam para acomodar no Seminário das Missões a Companhia Teatral de Paço de Sousa. Um desgaste de tempo e palavras que, à última hora, a Casa dos Retiros resolveu, pondo à disposição dos Gaiatos 25 camas.

Quanto a cadeiras para o Ginásio, já nem sei a quantas portas os cursistas foram bater por elas, sendo sempre,

como eu, muito bem recebidos.

Assim, as dificuldades do início só serviram para se fazer uma propaganda mais intensiva e extensiva da Festa e também de Belém.

A festa de organização da propaganda, deixou a todos os Amigos da Obra de Rua e de Belém liberdade de movimentos, de modo que ficámos a saber a que portas poderemos bater, nos próximos anos, sem nos tornarmos importunos — e tantas são, graças a Deus!

Resultados positivos para esta Festa: Na noite de sábado o Ginásio quase cheio, a honrosa presença do Senhor Governador Civil e Ex.ma Esposa e também do Senhor Reitor do Liceu.

Na tarde de Domingo, Ginásio repleto, com muita gente de pé. Ali se reuniu o Clero, a Nobreza e o Povo, para apreciar e aplaudir com muito calor e carinho os Artistas Gaiatos.

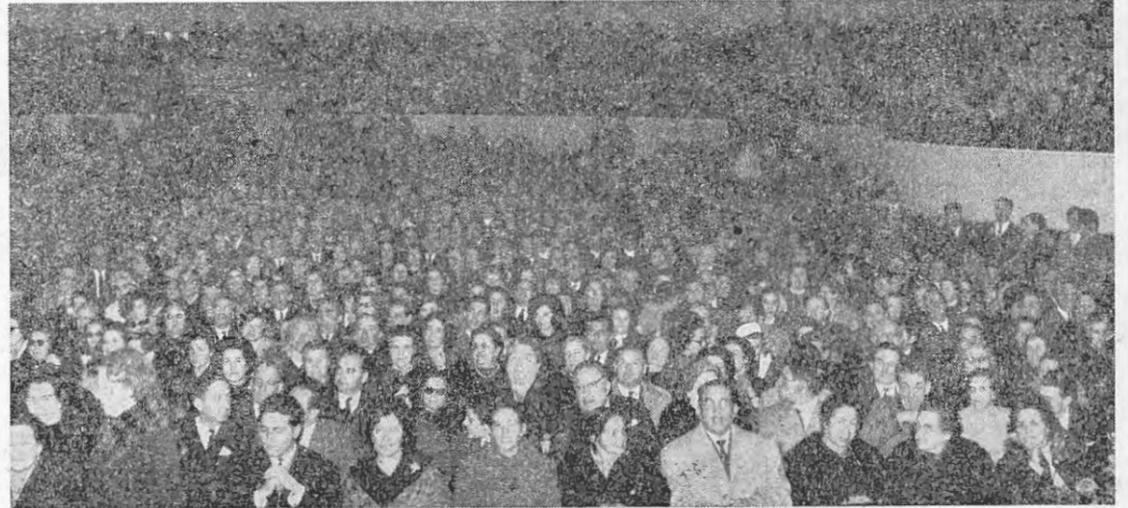
Eles bem o sentiram: «Todos nós regressámos cansados sim, mas muito contentes com a impressão profunda de caloroso acolhimento dos visieenses».

Quanto a nós, das impressões colhidas até hoje, fruto

A Igreja dos Pobres não só é, certamente, aquela que agrega almas intencional ou efec-

Cont. da PRIMEIRA pág. tivamente pobres. Tampouco a que se debruça

nação procurada, a paciência exercida, a disciplina mantida. É tudo isto, porque deles e por



A plateia do Coliseu estava assim — apinhada. É sempre assim, graças a Deus!

de muitos visieenses, tirámos esta conclusão:

Podem voltar todos os anos, que o trabalho mais difícil ficou feito e para as próximas será só preciso bater as palmas e dizer:

Aí vêm ELES!

I N Ê S



## Uma Carta

«Peço imensa desculpa de só agora escrever; tenho andado imensamente ocupado não só com o MOJAF mas também com os meus estudos, o que de modo algum justifica o meu esquecimento, que me perdoais, estou certo.

Recebi as cadernetas em bom estado e renovo os agradecimentos do MOJAF à «Casa do Gaiato» que nunca esqueceremos, até porque foi junto à campa do P.e Américo que nasceu o nosso movimento.

As três primeiras casas estão em pé. No último Domingo pusemos as telhas. Estava a chover, mas mesmo assim foi um dia festivo que nos deixou o desejo e o propósito de trabalharmos sempre mais e melhor em prol duma Humanidade que, embora com defeitos, merece todo o nosso esforço, toda a nossa Juventude, todo o nosso Amor.

Sem mais, para todos vós a expressão da mais sincera amizade e gratidão do MOJAF e para si um grande abraço do

CARLOS».

O Carlos é um dos obreiros do movimento universitário, que numa sacudida à banalidade da vida académica e de certos ambientes, decidiu impôr a sua juventude e generosidade ao serviço dos outros. Esta reacção nasceu em Coimbra e passou ao Porto, onde tem nos acabamentos três Casas para Famílias Pobres, e caboucos abertos para mais, em São Mamede de Infesta.

A renúncia aos cigarros, a cafés, passeios e outros gastos, está transformada em tijolos, cimento e telha; a banalidade dos dias do Domingo, em acção espumante de generosidade em benefício do próximo.

Esta renúncia, esta acção em conjunto num trabalho planeado, dirigido e executado só por eles, tem cimentado amizades, gradualmente transformadas numa só amizade profunda e leal a Cristo.

Que não desfaleçam pois no «propósito de trabalhar, sempre mais e melhor em prol duma Humanidade que, embora com defeitos, merece todo o nosso esforço, toda a nossa juventude, todo o nosso amor».

sobre os Pobres. Mas também aquela que usa na redenção do mundo os métodos pobres que Jesus usou. E desta sorte, dá aos Pobres o seu lugar activo; não os rejeita, não os subestima; mas faz com eles maravilhas que espantam os sábios e reduz à sua verdade os orgulhosos do século.

Neste nosso andar por vários palcos ouvimos exclamações calorosas: — «Mas onde em festas de estudantes com larga cultura, a graça e a organização deste espectáculo?»

E nós sabemos que sim, que a Festa é espectáculo com nível que dispensa caridade para ser visto. Quanta inferioridade por aí se exhibe, de gente, por gente responsável!... Mas nem é tal o centro da importância: o nível do espectáculo! É, sim, a organização, o engenho, a imagi-

eles, num exercício de amor de que nem eles dão conta, mas é amor com toda a fecundidade



«Ambrósio» e «Escanadinho», 2 «compères», 2 elementos de bom humor

criadora do amor autêntico.

A Festa, que lição profunda encerra a nossa Festa! Quão fortificante ela é para todos e, sobretudo, para nós!

Graças a Deus!

Cine - Teatro

Amarante

5 DE MAIO

às 21,30 horas

Cine-Ginásio

da Cuf-BARREIRO

30 DE ABRIL

às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras de cada um dos Teatros



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MALANJE

Visita de Sua Ex.cia o Sr. Governador Geral de Angola ao Distrito de Malanje.

Na passagem para o Cacuso entrou na nossa fazenda, visitou as novas instalações da nossa Casa-Mãe em construção.

Gostou imenso da nossa Obra. Em seguida desceu até às casas onde habitamos presentemente e admirou a lagoa que é um dos melhores pontos turísticos de Malanje.

No final fizemos os nossos pedidos. Sua Ex.cia acedeu de boa vontade a ajudar-nos.

**CASA-MÃE** — Já está a ficar com outro aspecto. Andam a reboucar por fora e vários lados estão prontos a levar tinta.

Outros operários a esfregar portais, pedras, etc.

Vamos começar com a armação dentro desta semana. A camioneta não pára; ou é água, areia, pedra, cimento, madeira, tijolo, etc.

**VISITANTES** — Cada vez em maior número de todas as partes de Angola; de Malanje, Luanda, Quitota, Salazar, Cota, Duque de Bragança, etc.

Há dias tivemos a visita de um casal muito jovem, muito simpático. Não conheciam a nossa Obra. Senhor Padre Telmo não estava nesse momento, fui eu que os recebi muito delicadamente. Cumprimentámo-nos, e reparei na face dos dois um sorriso muito simpático talvez por virem até nós procurar saber o que é a Casa do Gaiato.

E foram-se radiantes, maravilhados com o que tinham visto, tudo muito simples e arrumado.

Pois esperamos que este jovem casal tenha deixado resto para outros o seguirem.

Vós visitantes que já conheceis a nossa Obra, trazei os vossos amigos que a não conhecem, é digna de ser ajudada por todos vós. Vinde, apreciái, e perguntai.

**LACOA** — Está mais comprida, pois anda um operário a tirar o capim que a está fazendo mais pequena.

Temos mais dois barcos, mas não foram oferecidos, por isso esperamos que nos ajudem a pagá-los.

Os barcos não são para nós, mas sim para os visitantes que se deslocam até nós aos domingos. Na margem desta existe uma gruta de Nosso Senhor, oferta de uma pessoa amiga.

**TABACO** — Está terminada a colheita. Senhor Morais não sabe onde o pôr a secar. Senhor Padre Telmo não vendo lugar mais apropriado, manda pô-lo debaixo da placa que cobre o rés do chão da Casa-Mãe.

Já tomamos algum pronto a vender. Por enquanto não temos instalações próprias para o poder tratar nas devidas condições.

**FUTEBOL** — Melhoramentos no Estádio Culamuxito. Balizas novas, relva cortada e, pronto, estamos aptos a vestir o primeiro equipamento que nos ofereçam.

Só perdemos duas vezes. De resto temos limpados todos. Não pensem que somos do Real Madrid, mas são coisas do futebol.

Por isso vamos esperando que se lembrem de nós.

QUIM

## TOJAL

Como não podia deixar de ser, a nossa crónica de hoje é inteiramente dedicada à campanha do selo. E é absolutamente justificável que o façamos dado o interesse crescente que à volta da campanha se tem gerado. De todos os recantos do mundo onde «O Gaiato» leva a sua mensagem, têm surgido as mais carinhosas demonstrações de amizade e compreensão por esta iniciativa, em tão boa hora posta em prática. E como testemunho do que acabamos de dizer, eis a enorme relação das presenças, encimada pelas cidades de Lisboa e Porto: Av. João XXI, Severina Rocha, Sr. Dr. Jaime, D. Olinda Pereira, D. Alda, Fernanda, assinante 7475, D. Noémia Gomes e Sr. Carvalho, todos enviando as suas encomendas de Lisboa; António Moreira, Gil Ribeiro, A. Ventura e assinante 995, desta feita, todos da capital nortenha; amiga que pede uma oração por alma de alguém querido» envia muitos e em bom estado; duas presenças que são já habituais na campanha do selo: Luiz Esteves e «uma amiga de Moscavide»; «uma pequena oferta dum Maria Cristina pequenina»; a Maria Cristina é pequenina mas o mesmo não poderá dizer da sua encomenda; uma carta cheia da Soc. Feminina de S. Vicente de Paulo; «alguém» do Instituto de Odiveias; várias encomendas chegadas de organismos, e que são fruto da colheita de amigos

nossos. Espelho da Moda, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Ministério da Marinha, Santa Casa e Laboratórios Andrade. Mas, como acima dizíamos, o interesse pela campanha já chegou a várias partes do mundo, pois os embrulhos, pacotes, caixas, enfim, tudo aquilo em que se pode fazer chegar até nós os selos, sucedem-se numa proporção cada vez maior, e que é a prova mais fiel da vossa generosidade. Vejamos entretanto aquilo que tem sido o movimento dentro do resto do país, e note-se que quase todas as provincias portuguesas se fizeram representar: de Galveias, alguns selos acompanhados de lindas palavras; do Algarve, Silves envia os seus selos usados; do nosso grande amigo das Caldas da Rainha; uma bonita série de Idanha; um envelope cheio do Estoril; assinante 2217 da Golegã; Rua da Restauração, em Braga; Sr. Dr. Camilo de Vasconcelos, do Porto; assinante 29896 de Fafe; J. H. C. de Tomar e um grande embrulho vindo de Barrancos encerram esta grande volta pelo país.

Surgem agora muitas presenças, e algumas bastante volumosas, do estrangeiro e do ultramar português: Companhia Angolana de Agricultura; Noémia Correia, de L. Marques; Ana Costa, do Brasil; Aluásio Paiva também do Brasil; Francisco Vieira U. S. A. E ficou quase dada uma volta pelo mundo. Finalmente, aqueles nossos amigos que bisaram ao longo de todo este tempo em que não demos notícias da campanha: Marlene Rocha, Lisboa; Maria Clara, L. Marques; Eng.º João Serra, com duas cartas repletas de bons selos; Tesouraria da Fazenda Pública de Loures e os nossos sempre amigos da Cerâmica Aveirense.

A toda esta relação, há que acrescentar ainda os selos entregues no Montepiu, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no Lar de Lisboa e aos vendedores.

E é assim leitores amigos. A mais viva demonstração do vosso amor, reflectida numa embalagem contendo selos. Muitas vezes não acreditamos no prosseguimento da campanha, mas a vossa contínua presença, é um estímulo mais que suficiente.

Terminamos, agradecendo a todos mais esta prova evidente de autêntica amizade.

Luís Gonzaga

## CALVÁRIO

Deus por vezes prega-nos umas paradinhas para que abramos os sentidos. Têm vindo para o Calvário doentes que são para nós um toque bem profundo à nossa maneira de ver e sentir. Tem sido vezes numerosas o que representam uma espécie de chicotadas psicológicas. O mundo de hoje parece andar tão afeito a certas coisas que aos nossos antepassados teriam feito acreditar que era Deus que alertava. Mas a nossa era do século XX não pode, segundo certos livres pensadores, agir como os de outrora.

É lógico pensar assim pois tem de haver evolução. Pelo menos para provar que o homem, criado à Imagem e semelhança de Deus, tem inteligência e que a põe a render.

Mas apesar de todo o saber que existe na terra, Deus continua a provar e essas provas são por demais evidentes aqui no Calvário, de que o homem de saber precisa de meditação para ver que Ele é que é a verdadeira sabedoria. É preciso ter fé bastante para descobrir isso.

O José João veio de Sernancelhe. Família só a teve aqui. Pastorava rebanhos de outrem. Até que um dia Deus quis que sofresse. E assim aconteceu.

Na brincadeira subiu a um poste de electricidade. Mas o que não esperaria aconteceu: caiu abaixo. As consequências foram bastante graves. Ficou imobilizado com fractura da

espinha. O seu maior mal não terá sido esse. Porque andando de Hospital para Hospital nunca se sentia feliz. Sentia que a vida para ele não tinha razão de ser depois do desastre. E andou nisto durante cerca de dois anos. Até que um dia quis Deus que ele encontrasse finalmente a família que lhe faltava. Não veio encontrar melhores tratamentos da medicina ou melhores cirurgiões. Não, apesar de na medida do possível se ter tentado a sua melhoria. E conseguiu-se! Sim à custa disso, mas mais ainda à custa de carinho e muita dedicação. Deus chamou-o. Mas temos a alegria de lhe ter dado a confiança que tanto carrecia.

Pois já tinha gosto de viver. Milagre? Sim, mais um milagre de que a ciência por mais avançada que seja não o consegue se não fôr assente nesta grande verdade: Deus é a surpresa sabedoria de ontem, de hoje e de sempre.

Manuel Simões

## LAR DE COIMBRA

Quem foi ao Avenida, naquela noite de 25 de Março, jamais chorará a existência do seu viver, se fôr consciencioso e humano.

Ali viu-se a presença de irmãos pelos irmãos.

Ali se provou que a família é numerosa e que nas festas de comunidade todos se reúnem para festejarem e verem algum fruto no seu Ser.

A sala estava cheia. Dois dias antes tudo esgotado. Reclamam repetição. Não será arriscado?

Começou pela Casa de Setúbal. Imediatamente Miranda com o seu conjunto, uma pequena peça interpretada pelos mais pequenos e a presença dos 3 primeiros. Todos falaram. Por fim o Zé com as suas filhas, exibiram um Curiosa dança. Pai Américo também falou, prevenindo cada um da grande responsabilidade que tem pelo irmão mais pobre.

A segunda parte esteve ao cargo dos de Paço de Sousa. Que regalo! Programa em cheio. Os nunca esquecidos «batatinhas» foram os «bonitos» da festa. Encerrou o palco o sr. Padre Horácio acompanhado de todos os gaiatos que passaram por Miranda nestes 25 anos.

A todos os que colaboraram conosco o nosso «bem-haja».

Que Deus nos ajude a sentir a presença de todos vós, e... não se esqueçam do que Pai Américo vos disse — para que a Obra subsista é necessário que todos sintam a obrigação que têm em nos ajudar.

JOAQUIM

Visado pela Comissão de Censura

## Diário de um SOLDADO

Todos os dias, o meu terço, tenho-o oferecido por aqueles que, como eu, lutam por encontrar o caminho para Deus. A essa hora, a comunidade, lá longe, reza também o terço e recomenda ao Senhor os irmãos ausentes. Sei que estou a ser lembrado à mesma hora. Que feliz ela é!

Penso no que fui e quão diferente estou. Penso nos que estão como eu fui. — Que bem que a tropa faz!

Penso nos que Deus pôs para nossos guias. Eles estão cheios das nossas palermises e fracassos. Mas os fracassos fazem parte da Cruz que Deus lhes destinou. Não podem viver sem eles.

Compreendo agora que, às vezes, tenham medo de falar com os que pensam resolver por si os seus problemas e nada querem receber fora de si. Pois percam esse medo! Se hoje lhes não disserem nada para os ajudar, que dirão eles amanhã? Pensaram nisso? Tentem; tentem sempre alguma coisa. Não os deixem perder-se.

Pela sua pesada missão, como eu, estão muitos rezando. E Deus — tenho a certeza — não deixará de ouvir-nos.

## Teatro Sá de Miranda

VIANA DO CASTELO

21 de Abril

Às 21,30 h.

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

## MONUMENTAL

DE LISBOA

29 de Abril

Às 18,30 h.

Bilhetes à venda: na Secretaria de Montepio Geral—Ourivesaria 13, R. da Palma, 13 — Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34, r/c — Telef. 669451